



Oculum Ensaaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

MAIA COSTA, LUIZ AUGUSTO
PLANEJAMENTO E SOCIALISMO: NOTAS PARA UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL DO
URBANISTA RAYMOND UNWIN

Oculum Ensaaios, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 99-109

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351733757008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PLANEJAMENTO E SOCIALISMO: NOTAS PARA UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL DO URBANISTA RAYMOND UNWIN

PLANNING AND SOCIALISM: NOTES FOR AN INTELLECTUAL BIOGRAPHY OF THE URBAN PLANNER RAYMOND UNWIN | PLANIFICACIÓN Y SOCIALISMO: APUNTES PARA UNA BIOGRAFÍA INTELECTUAL DEL PLANIFICADOR URBANO RAYMOND UNWIN

LUIZ AUGUSTO MAIA COSTA

RESUMO

Desconhece-se que haja na historiografia brasileira estudo exclusivamente dedicado à obra de Raymond Unwin. A pertinência de um estudo como esse se deve à conhecida existência de um fluxo de ideias propagadas a partir das obras de Unwin e de seu sócio Barry Parker, que reverberaram aqui no Brasil, sobretudo em São Paulo. Esse influxo de ideias e proposições alimentou o debate que acabou por conformar um campo do saber erudito paulista acerca da produção do espaço construído no estado. Buscou-se, nesse artigo, focar esforços para compreender as bases ideológico-políticas do arquiteto, relacionando-as por um lado com o contexto político inglês do período e, por outro, com o próprio desenvolvimento da “ciência” do planejamento. Este estudo defende que concepções éticas, estéticas e ideológicas constituíam a base do pensamento arquitetônico-urbanístico de Unwin, de modo que se busca delinear relações entre suas concepções e os reformadores sociais ingleses do período.

PALAVRAS-CHAVE: Inglaterra. Planejamento urbano. Raymond Unwin. Socialismo.

ABSTRACT

A Brazilian historiographical study exclusively devoted to the work of Raymond Unwin is unknown. The relevance of such a study is due to the known existence of flow of ideas influenced by the work of Unwin and his partner Barry Parker, which reverberated in Brazil particularly in São Paulo. This influx of ideas and propositions fueled the debate that would eventually create a field of scholarly knowledge in São Paulo regarding the production of built space in the state. Our endeavor is to focus our efforts to understand the political ideologies of Unwin, relating them to the English political context of the period of the 1920s on the one hand and, on the other, to the actual development of the science of planning. We will argue that the ethical, aesthetic, and ideological views constituted the basis for Unwin's architectural-urban thinking. To this end we will seek to establish relationships between Britain's social reformers and Unwin.

KEYWORDS: England. Urban planning. Raymond Unwin. Socialism.

RESUMEN

Se desconoce que haya en la historiografía brasileña un estudio dedicado exclusivamente a la obra de Raymond Unwin. La relevancia de un estudio de este tipo se debe a la existencia conocida de un flujo de ideas propagadas a partir del trabajo de Unwin y su compañero Barry Parker, que repercutió en Brasil, especialmente en São Paulo. Este influjo de las ideas y las proposiciones alimentó el debate que finalmente conformó un campo de conocimiento erudito de São Paulo sobre la producción del espacio construido en el estado. En este artículo se trató de enfocar esfuerzos para comprender las bases ideológico-políticas del arquitecto relacionándolas, por un lado con el contexto político inglés de la época, y por otro, con el propio desarrollo de la “ciencia” de la planificación. Este estudio defiende qué concepciones éticas, estéticas e ideológicas constituían la base del pensamiento urbano-arquitectónico de Unwin, de modo que se trata de delinear relaciones entre sus concepciones y los reformadores sociales ingleses de la época.

PALABRAS CLAVE: Inglaterra. Urbanismo. Raymond Unwin. Socialismo.

INTRODUÇÃO

Raymond Unwin (1863-1940) nasceu na vila de *Whiston*, em *Yorshire*, tendo crescido em *Oxford*. Filho de William Unwin e Elizabeth Sully, pouco se sabe sobre sua vida pessoal. Filho caçula, Unwin sopesou entrar para a Igreja Anglicana, mas abandonou essa possibilidade ao se aproximar das questões sociais, que acabaram por constituir o esteio de suas posturas futuras, tanto pessoais como profissionais. Ao abrigo dos conselhos de cômego Samuel Barnett, sua primeira grande influência, tornou-se um socialista militante convicto e ativo (CURL, 2006; COLUMBIA ENCYCLOPEDIA, 2014).

Raymond estudou na *Magdalen College School*, conceituada escola ligada à Universidade de *Oxford*. Aos 21 anos, tornou-se aprendiz de engenharia e arquitetura, tendo se dedicado à área. Interessou-se ainda pela sociologia, tendo sido inspirado pelas teorias de reformadores sociais, tais como Arnold Toynbee, Edward Carpenter, John Ruskin e William Morris. Ao longo de sua vida, concomitantemente ao exercício de sua profissão, Unwin contribuiu regularmente com artigos para jornais socialistas.

Em 1884, ele estava em *Chesterfield*, norte da Inglaterra, para onde foi a fim de tornar-se aprendiz de engenheiro da *Staveley Coal and Iron Company*. Em 1885, encontrava-se em *Manchester*, onde teria conhecido William Morris, e tornou-se primeiro-secretário da Liga Socialista de *Manchester*, fundada por este último. Desse período, destaca-se seu papel de militante socialista, tendo escrito artigos para jornal e proferido palestras sobre o tema (CRICK, 1994). Em 1887, retornou a *Chesterfiel* para trabalhar como chefe dos projetistas na mesma *Staveley Coal and Iron Company*, onde atuou como engenheiro e arquiteto. A partir de 1890 passou a planejar também as vilas operárias da Companhia.

Dessa época, destacam-se dois fatos importantes para o seu percurso profissional: primeiro, associou-se à *Sheffield Socialist Society*, fundada por iniciativa de Edward Carpenter, em 1886; e, segundo, começou a trabalhar em conjunto com Barry Parker, que, além de seu amigo e primo, tornou-se, anos mais tarde, seu cunhado (DAY, 1981).

Os dois arquitetos ingleses, desde 1891, acalentavam a ideia de trabalhar em conjunto. Entretanto, foi só a partir de 1896 que a longa e profícua parceria teve início. Em colaboração, publicaram alguns clássicos da urbanística mundial, tais como *The art of building a home: a collection of lectures and illustrations*, de 1901 (UNWIN & PARK, 1901); *Cottage plans and common sense*, em 1902; e o artigo *Cottages near a town exhibit*, em 1903. Ainda em conjunto, a partir de 1902, planejaram a cidade-modelo de *New Earswick Village*, perto de York. Um ano depois, projetaram a primeira cidade-jardim para Ebenezer Howard: *Letchworth* (OTTONI, 1996).

Já à época, Unwin se inseria na controvérsia então existente entre cidades-jardim e subúrbios-jardim, defendendo que estes últimos eram uma forma válida de ordenação e controle da expansão das cidades existentes, proporcionando boa qualidade de vida para seus moradores. Críticas a esse expediente não faltaram, uma vez que os “puristas” da concepção howardiana viam a proposta como uma traição ao modelo teórico daquele. A despeito das censuras e coerente com o que defendiam em seus escritos, Unwin e Parker projetaram *Hampstead Garden Suburb* (1905-1914), nos arredores de Londres. Essa obra foi tão impactante que suas características influenciaram a elaboração de projetos tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos da América (E.U.A.). Exemplo disso foi o desenvolvimento da concepção de *neighborhood unit*, elaborada por Clarence A. Perry, e a criação de *Radburn*, no estado de *New Jersey*, em 1929 (DAY, 1981).

Em 1909, Unwin publicou sua obra-prima *Town Planning in Practice* (com ilustrações de Parker) (UNWIN, 1920) que exerceu forte impacto sobre a urbanística mundial da época e garantiu a seu autor o lugar de um dos maiores expoentes do urbanismo inglês do início do século XX. Um ano depois, como membro honorário do *Royal Institute of British Architects*, participou da comissão organizadora da *Town Planning Conference*, que teve lugar em Londres entre 10 e 15 de outubro de 1910. A conferência conseguiu reunir os mais importantes urbanistas da época, como Rudolf Eberstadt, Albert Brinckmann, Augustin Rey, Louis Bonnier, Thomas Mawson e Stanley Adshead, além de Joseph Stübben, Daniel Burnham, Eugène Hénard, Patrick Geddes, Ebenezer Howard e Raymond Unwin, entre outros de uma lista imensa de urbanistas paradigmáticos do período (ROYAL INSTITUTE OF BRITISH ARCHITECTS, 1911). Ao evento esteve presente o urbanista paulistano Victor da Silva Freire (COSTA, 2005).

Completando o conjunto de textos seminais escrito pela dupla de arquitetos, tem-se *Nothing gained by overcrowding* que, publicado em 1912, exerceu grande influência no desenvolvimento de habitações com ocupação de baixa densidade, tanto na Inglaterra

como no resto do mundo. Igualmente, é enorme a relação de textos mais curtos e menos famosos escritos por Unwin.

Entre 1911 e 1914, Raymond Unwin ocupou uma das primeiras cadeiras de *Town Planning* na Universidade de *Birmingham*. Ainda no ano de 1914, foi nomeado *Chief Town Planning Inspector of the Local Government Board*. Antes, porém, em 1913, foi um dos fundadores do *Town Planning Institute*, tendo sido presidente da instituição no período de 1915 — 1916 (CURL, 2006; COLUMBIA ENCYCLOPEDIA, 2014).

Durante a Primeira Guerra Mundial dirigiu a divisão de habitação do *Ministry of Munitions*, tendo tido a oportunidade de projetar as cidades que cresciam ao redor das indústrias de armamento. Posteriormente, ocupou o cargo de arquiteto-chefe de habitação do Ministério da Saúde. Em 1922, tornou-se consultor do *New York Regional Plan*, nos E.U.A.

Unwin se aposentou do serviço público inglês em 1928 e, entre 1929 e 1933, atuou como conselheiro técnico do *Greater London Regional Town Planning Committee*; de 1931 a 1933, foi presidente do *Royal Institute of British Architects*; nesse entremeio, em 1932, recebeu o título de “Sir”, conferido pela Coroa Inglesa. No ano seguinte, trabalhou como consultor do Presidente dos E.U.A., Franklin D. Roosevelt, no *New Deal* — série de programas socioeconômicos implementados naquele país entre 1933 e 1937. Em 1936, foi nomeado professor na *Columbia University*, cargo que ocupou até morrer em *Lyme, Connecticut*. Unwin recebeu muitos títulos, como os das universidades de Praga, Toronto, *Manchester* e *Harvard*, as quais lhe conferiram diplomas honorários (CURL, 2006; COLUMBIA ENCYCLOPEDIA, 2014).

Essa sucinta biografia apresenta Raymond Unwin de forma sumária. Para se compreender o alcance de sua obra, seria preciso investigar as várias facetas que ela adquiriu ao longo dos seus 77 anos de vida. Não é possível abranger, no curto espaço de um artigo, toda a gama de questões e nuances de sua obra. Daí que a seguir serão abordadas suas bases ideológicas, as quais alicerçam todas as questões tratadas por ele no âmbito da arquitetura e do urbanismo.

RAYMOND UNWIN: SEUS IDEAIS

Grosso modo, duas são as entradas que possibilitam apreender o pensamento e a obra de Raymond Unwin: a reforma social e a questão da habitação para “o homem comum” inglês na era vitoriana. Essas duas questões são mais que complementares: estão embrincadas de forma indissolúvel no processo que acabou por delinear o *Urban Planning* mundial e, em particular, o anglo-saxônico.

Preeminentes atores sociais do período exerceram papel relevante na constituição do pensamento de Unwin, bem como na formatação de suas atividades profissionais, entre os quais se destacam Samuel Augustus Barnett, Arnold Toynbee, Edward Carpenter, John Ruskin e William Morris.

Cônego anglicano inglês, Samuel Augustus Barnett (1844-1913) foi um reformador social extremamente ativo, cujas propostas e ações transcenderam a Inglaterra, repercutindo em toda a Europa e E.U.A. Barnett era intimamente ligado ao movimento de reforma urbana inglesa do século XX, sobretudo no que concerne à questão da habitação. Atuando em áreas altamente adensadas — nas quais as condições de habitabilidade eram precárias —, ele se empenhou em organizar as comunidades dessas áreas em “Sociedades de Caridades”, que se voltariam para a produção de moradias de boa qualidade, destinadas à classe operária. Propunha que tais assentamentos promovessem uma melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores, no que se refere tanto às condições físicas como à melhoria da educação e nível cultural dos moradores. Seu estratagema era criar moradias universitárias perto das casas dos operários, fazendo com que estudantes e trabalhadores residissem próximos e, assim, mutualmente se ensinassem e aprendessem (TILL, 2013).

Dentro desse espírito é que, em 1884, em Londres, foi constituído o *Toynbee Hall*, primeira residência universitária concebida nesses moldes, cujo fundador e primeiro diretor foi Barnett. Consta que, quatro anos depois, em 1888, Jane Addams, importante reformadora social norte-americana, visitou o *Toynbee Hall*, levando a experiência para os E.U.A. e dando origem a um estabelecimento cuja missão era seu similar: *Hull House*, em Chicago (HALL, 2005).

A história do *Toynbee Hall* remete ao ano de 1875 quando, patrocinado por Arnold Toynbee, Barnett e sua esposa Henrietta fizeram a primeira de muitas viagens ao distrito de *Whitechapel*, em Londres. Ressalta-se que Henrietta exerceu um papel relevante na produção do espaço construído na Inglaterra, tendo sido a mentora do subúrbio jardim de *Hampsted*.

Arnold Toynbee (1852-1883), economista inglês, lecionava história econômica no *Balliol College*, em *Oxford*; contudo, mais que suas análises sobre economia, foi seu compromisso social que o tornou famoso. Toynbee era um defensor apaixonado das questões sociais, sobretudo aquelas referentes à condição do trabalhador da época. Irresignado com a situação de degradação, sofrimento e pobreza em que os trabalhadores se encontravam, ele via nos sindicatos a possibilidade de superação desse estado de coisas. Consta que o economista percorreu diversas cidades industriais proferindo conferências destinadas à sensibilização e conscientização dos trabalhadores. Dentre as muitas localidades por ele visitadas, destaca-se particularmente a dos trabalhadores de *Whitechapel*, aos quais se associou, chegando inclusive a providenciar alojamentos e livrarias para eles. Arnold Toynbee morreu aos 30 anos. Em sua memória, os Barnetts ergueram o complexo de habitação social *Toynbee Hall* em *Whitechapel*. Situado em *East End* de Londres, o prédio original do *Toynbee Hall* foi projetado por Elijah Hoole e construído entre 1884 e 1885. Atualmente, só uma parte do edifício neogótico ainda existe (LOOKING..., 2013).

O papel desempenhado pelos Barnetts e Toynbee na vida e obra de Unwin foi profundo e duradouro; entretanto, eles não foram os únicos a exercê-lo. Outra influência

decisiva foi a de seu amigo Edward Carpenter (1844-1929). Socialista, filósofo, poeta e ativista *gay* inglês, Carpenter foi um homem singular, que manteve estreitos laços com as principais figuras internacionais de sua época. Entre seus feitos, destaca-se sua contundente participação na fundação da Sociedade Fabiana¹ (PENCH, 1988) e do Partido Trabalhista Britânico. Suas principais ideias sobre a sociedade foram divulgadas no seu livro *Civilisation: its cause and cure and other essays*, publicado em 1889. Nele, defende a ideia de que as sociedades, ao longo de sua existência (pois ele acreditava que as mesmas “nasciam”, se desenvolviam e “morriam”), passam por uma determinada forma de doença: a civilização. A cura para tal mal estaria em uma associação mais estreita de seus membros com a terra, e em um maior desenvolvimento da “natureza interior” do homem (CARPENTER, 2013). Ainda que tais posições estivessem em sintonia com as ideias desenvolvidas por outros intelectuais da época, ele se distanciava destes pelo componente mítico de suas posições, o que leva alguns autores a denominá-las “socialismo místico” (TSUZUKI, 1980).

Daqui se extraem duas concepções muito caras a Unwin em particular, e à urbanística do período em geral. A primeira é a ideia de uma sociedade em crise, doente que, por extrapolação, levaria a uma cidade igualmente em crise e igualmente doente. A segunda é a ideia de que a cura dessas sociedades passaria primeiro por uma reformulação interna das mesmas, e que a referida “cura” estaria atrelada, no mínimo, a uma compatibilização entre a vida da cidade e do campo, ou, nos termos de Carpenter, atrelada a uma volta à terra. Se a primeira concepção acabou por desembocar no delineamento das duas ciências da cidade então em gestação, a segunda atrela-se a modelos ideais de cidade/sociedade, que, no caso, podem ser relacionadas às propostas das cidades-jardim de Ebenezer Howard.

Outro ponto de contato entre Unwin e Carpenter era a Igreja Anglicana. Enquanto o primeiro pensou em entrar para ela e manteve estreita relação com o cônego Barnett, o segundo tornou-se pastor em 1868. Foi aí que, sob a influência de Frederick Denison Maurice, ministro da Igreja e líder do movimento dos Socialistas Cristãos, Carpenter tomou o partido da causa operária. Seu período nessa instituição durou pouco. Não muito depois de seu ingresso, ele desenvolveu forte repúdio ao que qualificava de falsidade da sociedade vitoriana, o que, segundo consta, o fez deixar a Igreja em 1874 (TSUZUKI, 1980).

Após, Carpenter dedicou-se a ministrar aulas, voltadas sobretudo para a classe trabalhadora. No entanto, acabou por constatar que elas eram mais frequentadas pela classe média — que não tinha muito interesse no que ele estava a dizer —, do que pelos trabalhadores, que eram afinal seu público alvo. Frustrado ao ver seus intuitos de democratizar o ensino universitário para os mais pobres ir por água abaixo e, ao mesmo tempo, mais radical em suas convicções, em 1883 Carpenter entrou na *Social Democratic Federation* (SDF), época e que se mudou para a cidade de *Sheffield*. Provavelmente, foi quando conheceu William Morris e dele tornou-se amigo. Ao certo, o que se sabe é que em 1884 ambos deixaram a SDF para ingressar na *Socialiste League*, fundada no ano anterior (CRICK, 1994).

Antes, porém, ainda em 1883, Carpenter, sob o influxo do livro *England for All*, de Henry Hyndman² e de Morris, se dispôs a fundar uma sociedade na cidade de *Sheffield*, que fosse a afiliada local da SDF. A ideia foi abandonada quando da cisão da SDF e da subsequente criação da Liga Socialista. Em 1886, essa sociedade se configurou como a *Sheffield Socialist Society*, uma das primeiras organizações socialistas da Inglaterra (CRICK, 1994), constituída como sociedade independente e, em 1887, Raymond Unwin se afiliou a ela. A relação entre ele e Carpenter pode ser apreendida quando dá a seu primeiro filho o mesmo nome do amigo, Edward, e o convida para padrinho do garoto, o que indica o grau de proximidade entre as concepções ideológicas dos dois, na vida pessoal e profissional (CURL, 2006; COLUMBIA ENCYCLOPEDIA, 2014).

No final da década de 1880, Carpenter estava cada vez mais “atraído” pela vida junto à natureza. Foi nesse contexto que, sob a influência de John Ruskin, desenvolveu suas principais ideias socialistas. Opondo-se radicalmente à industrialização da era vitoriana, ele propunha uma comunidade utópica na qual o futuro adquiriria a forma de um comunismo primitivo. Não se sabe ao certo, como se deu o encontro de Carpenter com Ruskin, embora seja conhecido que o encontro deste com Unwin deu-se por iniciativa do arquiteto-urbanista.

A despeito de John Ruskin (1819-1900) ter tido uma vida intelectual muito ativa, com uma produção vasta que se estendia por campos tão diversos como poesia, geologia, botânica e economia política, entre outros, é como crítico social e, sobretudo, como crítico de arte e desenhista que ele é mais conhecido. O legado que deixou repercute até hoje, sendo imprescindíveis os seus trabalhos sobre a relação da arte e arquitetura com a história, a memória e o patrimônio (HARRISON, 2010). Era um duro crítico do capitalismo e da divisão do trabalho na produção industrial, que, na confecção dos artefatos por partes, subtraía toda a dignidade do trabalho e do trabalhador. Daí que ele via nos objetos industrializados uma degradação tanto formal quanto moral. Nesse contexto, é fácil compreender o porquê de sua produção intelectual ser antes de qualquer coisa uma imbricada relação entre estética e ética.

O pensamento de Ruskin vinculava-se ao movimento literário, estético e ideológico conhecido como Romantismo, que sobrepunha a sensibilidade subjetiva e emotiva à razão. Em 1851, ele se tornou defensor e patrono da Irmandade Pré-Rafaelita, uma das fontes inspiradoras do Movimento *Arts & Crafts*. Mais conhecido simplesmente como Pré-Rafaelita, esse grupo de artistas ingleses, fundado em 1848 e organizado ao modo de uma confraria medieval, era constituído sobretudo por pintores. Eles se antagonizavam abertamente com a arte acadêmica, que seguia a tradição da pintura ocidental, forjada a partir da obra do pintor renascentista italiano Rafael Sanzio, ao mesmo tempo que buscavam devolver à arte a sua pureza e honestidade que acreditavam existir na arte gótica. Daí advogarem um *revival* medievalista (BARRINGER *et al.*, 2012).

William Morris (1834-1896), *designer*, pintor, escritor e ativista social, foi um dos criadores do Movimento *Arts & Crafts* e, sem dúvida, o mais famoso de seus expoentes. Nascido em família rica, Morris estudou em *Oxford*, onde conheceu seus amigos e colaboradores de toda a vida — Dante Gabriel Rossetti, Edward Burne-Jones, Ford Madox Brown e Philip Webb, todos membros da irmandade Pré-Rafaelita —, e onde entrou em contato com a obra de John Ruskin (BARRINGER *et al.*, 2012).

Assim como Ruskin, Morris era radicalmente contrário ao mundo egresso da Revolução Industrial; como aquele, via no período gótico a excelência da arte, sobretudo aquela ligada à arquitetura e às artes decorativas. Rechaçando os objetos fruto da manufatura industrial, produtora de artefatos que reputava de baixa qualidade, ele propunha o retorno ao artesanato. Aqui, sua intenção era mais que aferir qualidade, beleza e dignidade aos objetos assim produzidos: era também aferir os mesmos atributos ao artesanato que os produzia. A grande contradição (e frustração) de Morris foi o descompasso entre seu desejo de criar objetos a preços acessíveis para as classes menos favorecidas e o fato de, ao invés disso, produzir objetos extremamente caros cujo acesso só era possível aos mais abastados (MacCARTHY, 1994).

Ao deixar *Oxford*, Morris foi trabalhar em um escritório de arquitetura, onde ficou clara a sua preferência pelas artes decorativas. A despeito disso, ele e Webb conceberam e construíram a famosa *Red House*. Presente de Morris a sua esposa, a casa foi projetada em 1859, por ele em parceria com Philip Webb. As pinturas murais e os vitrais foram concebidos por Edward Burne-Jones, e a decoração interna ficou a cargo de Morris e da esposa. A construção é tomada por muitos como modelo exemplar da arquitetura produzida pelo Movimento *Arts & Crafts*.

Em 1861, juntamente com Ford Madox Brown, Edward Burne-Jones, Charles Faulkner, Dante Gabriel Rossetti, Marshall PP e Philip Webb, Morris fundou a firma *Morris, Marshall, Faulkner & Co.*, que perdurou com esse nome até 1875. O objetivo da empresa era criar, fabricar e vender artigos artesanais relacionados com as artes decorativas — isto é, todo tipo de objeto voltado para a casa: mobiliário, tecido, tapetes, vitrais e pinturas, entre outros. Sendo seus fundadores egressos da Irmandade Pré-Rafaelita, a empresa se pautava tanto na estética como no modo de produzir medieval. A partir de 1875 até 1949, quando foi fechada, a empresa funcionou com a epígrafe de Morris & Co. Seu período de maior influência ocorreu durante as décadas de 1880 e 1890, auge do Movimento *Arts & Crafts* (MacCARTHY, 1994).

Ainda no campo das artes, em 1877, Morris e outros membros da Irmandade Pré-Rafaelita fundaram a *Society for The Protection of Ancient Buildings*. A sociedade intentava se opor ao modo como a arquitetura antiga estava sendo tratada na Inglaterra vitoriana. Ele defendia que os edifícios antigos fossem protegidos, mas não restaurados, a fim de que sua história fosse preservada e eles fossem transformados em patrimônio cultural. Como resultado indireto de sua atuação no campo da preservação, em 1894 foi fundada a *National Trust*³.

Sua atuação como ativista social nada deixou a desejar a sua atuação no campo das artes. Tomado como um dos fundadores do Movimento Socialista na Inglaterra, Morris trabalhou diretamente com Eleanor Marx, filha de Karl Marx, e com Friedrich Engels no processo que desencadeou aquele movimento. Apesar de errática, sua atuação política sempre foi constante. Data de 1879 o início de sua atuação política de forma mais ativa, quando se tornou tesoureiro da Liga Nacional Liberal. Dois anos depois abandonou definitivamente o Partido Liberal e se atrelou à política do movimento socialista. Já com essa orientação ideológica, em 1883 filiou-se à Federação Democrática, que veio a se tornar, um ano depois, a *Social Democratic Federation*. Trabalhando ativamente em conjunto com os líderes do partido, Morris acabou se tornando coautor do Manifesto da Federação Social Democrata (CRICK, 1994).

À época, a SDF era controlada por seu fundador, Henry Hyndman. Dado o gênio deste, no início do ano de 1885, foi fundada a Liga Socialista, parte dissidente da Federação. Morris desempenhou um papel relevante em sua organização, sendo apontado como um dos seus financiadores. O influxo de Morris sobre Unwin pode ser apreendido de forma imediata pelo fato de este ter sido eleito, em 1886, primeiro-secretário da Liga, da qual era membro. Por essa época, Morris proferia palestras e discursos propagando a causa por clubes e salas de aula na Inglaterra e Escócia, como também pelas ruas de Londres. Não raro, esses pequenos comícios tornaram-se alvo de repressão policial. Daí que o direito dos trabalhadores à voz tornou-se o principal foco da SDF. Nesse contexto foi criado o jornal *Commonweal*, do qual Morris era editor e um dos principais colaboradores, tornando-se esse o principal veículo de divulgação de seus ensaios e poemas. Nesse jornal foi publicada sua obra mais conhecida, *Notícias de Lugar Nenhum*, sob a forma de capítulos. Nele, Morris descreve uma sociedade socialista, onde todos trabalham por puro prazer. Os objetos aí produzidos são confeccionados de tal forma que tanto o processo como seu resultado são belos e, depois, são distribuídos gratuitamente (MacCARTHY, 1994).

Em 1889, a Liga Socialista, que nunca fora ideologicamente coesa, viu sua ala anarquista tomar a liderança da organização (CRICK, 1994). Morris foi então destituído do cargo de editor do Jornal. Desiludido, no ano seguinte retirou-se da Liga que havia ajudado a criar. A partir de então, sem voltar a ter o mesmo entusiasmo, continuou a escrever artigos e a ministrar palestras objetivando difundir a causa socialista. Na historiografia política britânica, William Morris figura como um dos maiores representantes do que os ingleses chamam de “socialismo libertário” (CRICK, 1994). Certamente, o Movimento *Arts & Crafts* é um fator de ligação do percurso intelectual e profissional de Ruskin, Morris e Unwin, mas não é o único.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão a que se chega neste artigo é que, na obra de Raymond Unwin, a questão da reforma urbana — que problematizava a habitação do homem comum — era antes uma questão ética-estética do que um estratagema para mitigar os efeitos danosos provocados pela Revolução Industrial, especializados na caótica cidade industrial.

Em sua trajetória profissional a ação prática e propositiva, tanto conceitual como projetual, estava imbricadamente ligada a sua vida pessoal. Foi nas concepções socialistas que ele alicerçou o que construiu tanto na vida privada como na vida pública, donde emana a coerência existente em todos os aspectos de sua vida. Nele, teoria e prática estão em profunda simbiose.

Dessa forma, pode-se afirmar que, na obra de Unwin, o planejamento estava antes de qualquer coisa a serviço da difusão e das melhorias sociais propostas pelas concepções socialistas da época. Não era o caso de simplesmente dar solução à questão habitacional, vista como um dos propulsores das mazelas que os urbanistas, então nascentes, tinham que enfrentar. Isto é, não era “apenas” uma questão técnica, era antes fazer da habitação um ente que fosse capaz de ressignificar o conceito vigente de “morar”. É nesse sentido que um dos seus livros mais famosos — *The art of building a home* — refere-se à construção de um lar (*home*) e não apenas de uma casa-habitação (*house*), associando a questão habitacional a uma concepção de sociedade e a uma proposição ética.

Da mesma forma, seu atrelamento à estética Pré-Rafaelita e, por consequência, ao Movimento *Arts & Crafts* não é uma mera questão formal; não é uma questão que passa apenas pela discussão do belo. É antes uma crítica ao modo de produção no capitalismo industrial e à sociedade vitoriana. Ao retornar ao modo produtivo do medievo, Unwin busca restabelecer a relação simbiótica que existia no passado entre o ato de conceber e produzir, dignificando o trabalhador-artesão. Unwin, assim como Camillo Sitte, tinha na estética um dispositivo de apreensão e crítica da sociedade na qual estava inserido, de modo que a dimensão estética estava a serviço de uma concepção moral. Logo, ética e estética formavam o vetor de manifestação da crítica socialista empreendida no pensamento e obra de Raymond Unwin, alicerçando sua concepção de cidade e arquitetura.

NOTAS

1. Fundada por cientistas, escritores, políticos e intelectuais em 1888, a Sociedade Fabiana era uma organização política britânica de esquerda, opositora das ideias de Karl Marx, visto que negava a luta de classes. Seus membros eram tidos como socialistas utópicos, acreditavam que se passaria do capitalismo para o socialismo por meio de sucessivas reformas operadas dentro do sistema, não existindo assim razão para a Revolução Socialista. Para eles, o estratagema a ser usado a fim de obter êxito era a educação e a propaganda ideológica. Em 1902, *The Fabian Society* publicaria o texto de Unwin intitulado *Cottage plans and common sense*.

2. Henry Mayers Hyndman (1842-1921), escritor e político inglês, foi fundador da Federação Social Democrata e depois, em 1916, do *National Socialist Party*.

3. *National Trust for Places of Historic Interest* ou *Natural Beauty* ou, como é mais conhecida, *National Trust* foi fundada em 1895 por três filantropos ingleses (Octavia Hill, Sir Robert Hunter e Canon Hardwicke Rawnsley) e está em funcionamento até os dias atuais. A entidade, desde sempre, esteve preocupada com o impacto que o desenvolvimento industrial descontrolado causa ao meio natural e construído, agindo no sentido de preservar as riquezas edificadas do país.

REFERÊNCIAS

- BARRIGER, T.; ROSENFELD, J.; SMITH, A. *Pre-Raphaelites: Victorian Avant-Garde*. London: Tate Publishing, 2012.
- CARPENTER, E. *Civilizations: Its cause and cure and other essays*. 2013. Available from: <www.gutenberg.org/files/44094/44094-h/44094-h.htm>. Cited: Sept. 23, 2013.
- COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. *Sir Raymond Unwin*. 2014. Available from: <www.answers.com/topic/unwin-sir-raymond>. Cited: Nov. 6, 2014.
- COSTA, L.A.M. *O moderno planejamento territorial e urbano em São Paulo: a presença norte-americana no debate de formação do pensamento urbanístico paulista: 1886-1919*. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CRICK, M. *History of the Social-Democratic Federation*. Keele: Keele University Press, 1994.
- CURL, J. S. Sir Raymond Unwin. In: *Oxford Dictionary of Architecture & Landscaping*. 2006. Available from: <http://www.oxfordreference.com>. Cited: Sept. 23, 2013.
- DAY, M.G. The contribution of Sir Raymond Unwin and Barry Parker to the development of site planning theory and practice 1890. In: Sutcliffe, A. (Ed.). *British town planning: The formative years*. Leicester: Leicester University Press, 1981. p.156-200.
- HALL, P. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HARRISON, F. *John Ruskin*. London: Bibliolife, 2010.
- LOOKING at buildings created by the pevsner architectural guides. *Looking at buildings*. 2013. Available from: <www.lookingatbuildings.org.uk/cities/london/walks-and-tours/social-provision-in-east-london/settlement-houses.html>. Cited: Sept. 23, 2013.
- MacCARTHY, F. *William Morris: A life for our time*. London: Faber, 1994.
- OTTONI, D.A.B. Cidade Jardim: formação e percurso de uma ideia. In: Howard, E. *Cidades-jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.10-102.
- PENCH, L. *Il Socialismo Fabiano: un collettivismo non marxista*. Nápoles: ESI, 1988.
- ROYAL INSTITUTE OF BRITISH ARCHITECTS. *Town Planning Conference: Transactions*. London: RIBA, 1911. Available from: <://archive.org/details/transactions00town>. Cited: Jun. 13, 2011.
- TILL, J. *Icons of Toynbee Hall*: Samuel Barnett. 2013. Available from: <www.toynbeehall.org.uk/data/files/about_toynbee.hall/barnett_low_res.pdf>. Cited: Sept. 23, 2013.
- TSUZUKI, C. *Edward Carpenter 1844-1929: Prophet of human fellowship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- UNWIN, R. *Town planning in practice: An introduction to the art of designing cities and suburbs*. London: Fisher & Unwin, 1920.
- UNWIN, R.; PARKER, B. *The art of building a home: A collection of lectures and illustrations*. New York: Longmans, Green & Co., 1901.

LUIZ AUGUSTO MAIA COSTA | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | E-mail: <luiz.augusto@puc-campinas.edu.br>.

Recebido em
9/5/2014,
reapresentado
em 10/9/2014
e aprovado em
10/10/2014.